

Certamente nos preocupamos com a segurança dos nossos filhos, mas é preciso ensiná-los a se autoprotegerem e orientá-los para enfrentarem os desafios do dia a dia.

Superproteger o filho vai além de proteger e satisfazer suas necessidades e cuidados básicos. É pensar por ele, tomar decisões por ele e solucionar os seus problemas, essa superproteção compromete o desenvolvimento de suas habilidades para viver sua própria vida.

O excesso de proteção gera uma série de situações preocupantes: causa estresse, pois os filhos querem superar as expectativas dos outros, causa frustração quando não correspondem ao esperado, fragiliza pela sensação de fracasso e baixa a autoestima. Isso é prejudicial para que aconteça o aprendizado em todas as fases da vida!

Quando a criança não reflete sobre o erro, como poderá acertar? Tornar-se um escudo para o filho não evita que se decepcione ou se frustre, o desenvolvimento da maturidade emocional exige uma reflexão sobre o erro para aprender a lidar e superar dificuldades.

A superproteção causa insegurança e medo, torna o filho dependente do outro na tomada de decisões.

Proteger é dar amor, cuidados e atenção na medida certa, orientar e motivar o filho a ser responsável e sentir-se confiante em suas decisões.

Com esse olhar sobre o desenvolvimento da autonomia e maturidade emocional, os convidamos a fazer a leitura do texto deste mês: "Autonomia é um aprendizado complexo".

Clique aqui para visualizar o texto:

<https://www.redesagrado.com/sagrado-coracao-sao-paulo/pagina.php?id=4>

Boa leitura!

Setor de Orientação Educacional Seg. II

# AUTONOMIA

## é um aprendizado complexo

VIVENCIAR AS FRUSTRAÇÕES DESDE A FASE INICIAL DA EXISTÊNCIA É IMPORTANTE PARA O DESENVOLVIMENTO. CRIANÇAS SUPERPROTEGIDAS TORNAM-SE JOVENS QUE ENTRAM NA VIDA ADULTA FRAGILIZADOS PARA ENFRENTAR OS DESABAFOS

Criar um filho bem-sucedido, seguro de si mesmo, um líder admirado por todos é o desejo de qualquer pai. Mas uma longa construção, que começa no berço, e necessária para se atingir esse objetivo e muitos entraves estão no caminho.

A proteção excessiva é um dos maiores empecilhos e nem sempre é necessária uma dose exagerada de mimos, elogios ou amparo desmensurado para colocar tudo a perder. Amor, atenção, cuidados na dose certa, acompanhados de normas, hábitos sadios e responsabilidade, são o *mapa do tesouro* em educação. Como conseguir encontrar essa medida para cada filho é o desafio.

O pensamento mais comum entre as famílias condiz com a premissa de que poupar as crianças de vivenciarem problemas desde cedo, evitar dissabores, decepções, vai lhes proporcionar uma infância muito boa, memorável e sem “traumas”, palavra essa usada da forma mais popular e errônea possível. Julga-se que dar aos pequenos a chance de passarem por uma fase inicial da existência sem frustrações antes da chegada da vida adulta, quando certamente os problemas e responsabilidades virão por si mesmos, lhes deixará, além das lembranças, uma base afetiva que fará com que se sintam mais felizes e seguros.

Infelizmente, ocorre o contrário: como atletas sem treino, as crianças superprotegidas tornam-se jovens que entram na vida adulta fragilizados, despreparados para enfrentar desafios, derrotas e vitórias com responsabilidade. Ou seja, acontece que esse modo de levar a educação comprovadamente não resulta nos desejos familiares tão bem-intencionados, mas desagua em um mar de frustrações, pessoas inseguras, imaturas, insatisfeitas, pois não são gradativamente preparadas para os embates da vida nem para a concorrência normal que há no mundo profissional, onde as pessoas mais resistentes às perdas, mais assertivas e motivadas quase sempre ocupam os postos de lideranças.

Tudo que é “super” merece, ao menos em educação, um olhar crítico em relação principalmente às conseqüências futuras. Superproteção é desnecessária e contraindicada porque prejudica, debilita. Superproteger não é sinônimo de amar e cuidar: esta mais para desvitalizar, desmotivar, infantilizar e incapacitar. As conseqüências ultrapassam a própria vítima e atingem toda a família.

Outro ponto importante é que alguns pais tendem a enaltecer desmensuradamente qualquer coisa que os filhos façam com o mínimo esforço, assim como satisfazem todos os desejos infantis, dando-lhes uma falsa ideia de poder, inadequado para o crescimento mentalmente saudável da criança.

Muitos pais confundem inteligências e extroversão com capacidade de ser responsável pelos próprios atos. Mesmo inteligente e sagaz, a criança tem limites próprios de sua etapa de desenvolvimento. Crianças só se sentem seguras quando têm um adulto que as oriente e as motive, impulse, ensine a tomar conta de si mesmas, a serem responsáveis, terem confiança nos seus atos e decisões.

Adultos são responsáveis pelos filhos até que esses sejam maiores de idade, e dizer o contrário não muda a realidade das coisas: a negligência, tão grave quanto a superproteção, é punida por lei; então, deixar os filhos fazerem o que desejam poderia ser enquadrado dessa forma.

As crianças precisam sentir que há alguém no comando, que cuida e que sabe o que é o melhor para elas, mesmo que isso represente a perda de algum privilégio momentâneo. Ao tomarem decisões como adultos, estão na verdade tornando-se pequenos tiranos, coisa que não tem nada de positivo, e, pior, sentindo-se infelizes, pois percebem que seus pais não têm tempo nem dão valor e atenção a elas.

Crianças devem, na verdade, gradativamente aprender a decidir, na medida em que se tornam amadurecidas e capazes de responder pelas consequências de seus atos. Isso pode e deve acontecer desde muito cedo, pois o desenvolvimento da verdadeira autonomia é um processo longo que depende de vivências e experiências de várias ordens, mas necessariamente envolve responsabilidade pelos atos.

Autonomia é um aprendizado complexo, um processo que exige maturidade neurológica, emocional, treino social e apoio familiar. Incentivar, supervisionar, parabenizar são importantes para essa aquisição, pois geram autoestima, segurança e motivação.

Ser autônomo depende da capacidade de prescindir da dependência excessiva dos pais, assim como do seu incentivo permanente para que se responsabilizem por pequenas tarefas que aos poucos vão se ampliando em complexidade: guardar os brinquedos, amarrar os tênis, escovar os dentes sozinho, arrumar o material escolar, fazer as lições, cuidar de algumas tarefas de casa, gerenciar mesada, escolher entre as opções dadas por seus pais, e principalmente responder por suas (pequenas) decisões etc.

Tornar-se mais flexível, capaz de se relacionar, se comunicar com as outras pessoas e fazer escolhas, desenvolve a sua autoestima, fator decisivo para o sucesso pessoal e profissional.

Só o desenvolvimento gradativo da autonomia na infância permite a construção de uma personalidade saudável e possibilitará o fortalecimento da capacidade de resolver conflitos ao longo da vida e alcançar sucesso pessoal, social e profissional.

Maria Irene Maluf é especialista em Psicopedagogia, Educação Especial e Neuroaprendizagem. Foi presidente nacional da Associação Brasileira de Psicopedagogia – ABPp (gestão 2005/07). É autora de artigos em publicações nacionais e internacionais. Coordena curso de especialização em Neuroaprendizagem.